



Arminda Neves
Soito da Ruiva

Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Liliana Monteiro

Ana Isabel Fernandes

Transcrição

Liliana Monteiro

Edição da História de Vida

Hugo Pereira

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-02-0

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Arminda Neves

Arminda Rosa Neves nasceu a 24 de Fevereiro de 1944, em Soito da Ruiva. Também de Soito da Ruiva era seu pai, António Bento Neves e a mãe Laurinda Rosa, pais de mais três filhos. A 23 de Fevereiro de 1963 casou com Manuel Grácio, que durante vários anos trabalhou em Lisboa. Durante o tempo que passou afastada do marido trabalhou na agricultura e cuidava da educação dos filhos. Entre os outros habitantes de Soito da Ruiva é conhecida pelos dotes de queijeira e pela deliciosa broa que faz. Hoje é avó de duas netas. Os seus problemas de saúde já não a deixam ter o mesmo ritmo de vida de outros tempos, passando os dias em sua casa onde vive com o marido, o filho e a irmã.

Conteúdo

Identificação <i>Arminda Rosa Neves</i>	4
Ascendência <i>António Bento Neves e Laurinda Rosa</i>	4
Casa “ <i>Dois quartitos, uma salita e a cozinha</i> ” . .	6
Infância “ <i>Pelo povo a brincar</i> ”	7
Educação “ <i>Fui para a escola já com quase 8 anos</i> ”	8
Quotidiano “ <i>Era muito trabalho, muito trabalho mesmo!</i> ”	9
Namoro “ <i>Por cartas</i> ”	11
Casamento “ <i>Ele teve que pedir ao meu pai e à minha mãe</i> ”	12
Migração “ <i>As pessoas iam para Lisboa</i> ”	15
Costumes <i>Entre doces e mezinhas</i>	15
<i>O carolo</i>	15
“ <i>Cozíamos broa</i> ”	16
“ <i>O queijo é de cabra</i> ”	16
“ <i>É assim que faço a tigelada aqui em minha casa</i> ”	16
<i>A debulha do milho</i>	17
“ <i>Era um dia bem passado</i> ”	17
“ <i>A gente diz que é o estrutagado</i> ”	17
“ <i>No Natal e na Páscoa</i> ”	18
Religião “ <i>Sou católica</i> ”	20
Lugar “ <i>Onde me sinto bem</i> ”	22
Avaliação	22



Fotografia 1: Arminda Neves. Soito da Ruiva, 2007.

Identificação *Arminda Rosa Neves*

O meu nome é Arminda Rosa Neves. Nasci no Soito da Ruiva, a 24 de Fevereiro de 1944 e morei sempre aqui. Nunca estive noutro lado, nem a trabalhar, nem a morar.

Ascendência *António Bento Neves e Laurinda Rosa*

Os meus pais chamavam-se António Bento Neves e Laurinda Rosa e eram os dois de Soito da Ruiva.

A minha mãe trabalhava na agricultura e o meu pai trabalhava na fábrica de cortiça, na Piedade. Foi para lá quando se casou. Por isso, não convivia muito com ele. Era mais o tempo que ele estava no trabalho dele. Vinha a Soito da Ruiva de vez em quando, mas era muito raro. A gente estava muito tempo sem o ver e quando ele vinha gostávamos de nos juntar, de conviver uns com os outros. Ele também só vinha nas alturas de fazer o trabalho da fazenda para nos ajudar. E depois, em passando um tempinho, voltava outra vez ao trabalho dele.

Quando o meu pai não estava cá, eu morava com a minha mãe e com os meus três irmãos, dois rapazes e uma rapariga. Também lá morava a minha avó, que se



Fotografia 2: Família de Arminda Neves. Soito da Ruiva.



Fotografia 3: Laurinda Rosa, Arminda Neves, Manuel Grácio e Ermelinda Neves no casamento de um irmão. Lisboa.

chamava Maria Rosa. Umhas semanas estava com a minha mãe, outras semanas estava com uma tia minha. Viveu poucos anos na minha lembrança. E éramos os que vivíamos na casa.

Casa “Dois quartitos, uma salita e a cozinha”

A minha casa tinha dois quartitos, uma salita e a cozinha. Por baixo tinha um outro piso, um andarzito por baixo, amplo. Eram só estas divisões que tinha. Não havia casa de banho. Gostava de estar em toda a casa. Na cozinha, na sala...

Quando éramos pequeninos, dormíamos juntos. Depois voltei a dormir com a minha irmã e os meus irmãos



Fotografia 4: Carlos Grácio, Arminda Neves, Manuel Grácio e Arménio Grácio no casamento de um irmão.

dormiam noutra divisãozinha, conforme se podia.

Infância “*Pelo povo a brincar*”

Quando era mais pequena ainda havia crianças na aldeia, mas eu nunca fui assim de andar muito pelo povo a brincar. Estava mais por casa, mais sozinha.

Às vezes, fazíamos nos caminhos em baixo um jogo que era riscado no chão. Fazíamos uns riscos no chão, que se entrecruzavam. Depois púnhamos uma pedrinha e saltávamos por cima, para onde não havia. Era o jogo da semana.

No tempo da Quaresma, íamos ali para ao pé da casa

da minha prima Isilda. Havia a barroca, que não era tapada como agora, estava destapadinha, descoberta. Depois punham-se assim à roda e viravam o cântaro de uns para os outros, a jogar ao jogo do cântaro. Era uma carreira de gente à volta e depois botavam de uns para os outros. Quando caía no chão partia-se. Quem nos dava os cântaros eram as pessoas idosas que já os tinham partido. Já não seguravam a água ou estavam picados, por isso davam-nos aquelas panelitas. E era uma paródia, uma brincadeira.

Quando íamos para a escola, ainda era um ranchinho. Da minha idade, mais ano, menos ano, ainda era um ranchinho que ia para a escola para o Sobral Magro. Tínhamos que ir para lá a pé daqui para baixo todos os dias. Era perto de uma horita. Andei lá três anitos. Ainda custou um bocado. Saíamos de manhã para entrar às 8 horas e depois, à noite, saíamos às 5 horas, mais ou menos, e vínhamos outra vez a pé para cima. A gente, às vezes, também se demorava uns com os outros a brincar e chegava-se a casa já de noite. Quando voltávamos, já se estava só a descansar ou a fazer os trabalhos da escola, que a gente trazia para fazer.

Educação “*Fui para a escola já com quase 8 anos*”

Fui com o meu irmão para a escola no Sobral Magro. Fui para a escola já com quase 8 anos. Faço anos em Fevereiro e depois em Outubro já tinha quase 8 anos. Andei lá três anos até perto dos 11 anos, mais ou menos.

Também lá iam os miúdos de outras terras. Não eram só os de Soito da Ruiva que iam à escola! Vinham de outros lados, de outras povoações vizinhas. E faziam jogos na escola, não sei dizer os nomes, mas também jogavam. Faziam aqueles jogos à moda deles. E assim se divertiam, naquele tempinho que lá andavam.

Tive só duas professoras. Eram divertidas. Elas ensinavam-nos brincadeiras que sabiam. Eram boas pessoas, boas professoras. Ensinavam-nos a brincar. Iam ajudando a fazer e a corrigir qualquer coisa...

Depois saí, porque a minha mãe queria que nós fôssemos guardar as cabras pelos matos. Tiravam a gente da escola muito cedo. Assim que fiz a 3^a classe, comecei a escrever qualquer coisa, mas já não me deixaram ir mais para a escola.

Mais tarde, fizeram a escola na aldeia. Lembro-me de a ver construir. Eu ainda fui carregar material para lá. Íamos ali ao cimo daquela terra, que está desta serra para além, buscar o material e depois vínhamos pela nossa serra para cá e descíamos isto tudo com o material às costas. Eu ainda não podia, porque era pequenita, mas já trazia um bocadinho de qualquer coisa. Areia ou qualquer coisinha às costas numa cestita. Lembra-me de a construírem. O que eu não sei é em que data foi. A minha irmã já andou nesta escola. O meu irmão mais novo, acho que também. Agora, o meu outro irmão também foi no Sobral Magro. Fomos os dois para o Sobral Magro.

Quotidiano “*Era muito trabalho, muito trabalho mesmo!*”

Quando saí da escola e era já uma rapariguita ia com a minha mãe para os matos, cortar o mato. Todos os dias íamos à lenha. Eu trazia um molhinho e a minha mãe trazia outro. O mato era para pôr nos currais dos animais, nas cabritas ou nos porcos, porque nós também tínhamos animais para tratar. Tínhamos cabras e, com a licença de vossemecê, porcos e umas galinhas. Ainda tínhamos uns animaizinhos!

Depois, em chegando, tratávamos dos animais e íamos trabalhar na agricultura, nas nossas fazendas. Cultivávamos só os nossos terrenozinhos. Eram pouquinho mas era o que era, era nosso. Às vezes, levávamos para os terrenos, se não fosse o almoço, pelo menos o lanche. Quando a gente almoçava em casa, depois levava-se o lanche para comer de tarde. Outros dias que andássemos pertinho de casa vínhamos comer a casa.

Lá na minha agricultura semeava feijão, batatas, hortalíça e uns bocadinhos de milho. Fazia-se o rego, botava-se o milho, fazia-se o rego... Metíamo-lo na terra e

regávamo-lo. Tínhamos que ir buscar a água à nascente. Depois vinha pelo regadio para a fazenda e ali andávamos a mudá-la, a encaminhar, na fazenda, no renovo a regar. Agora já não. Agora já cá cultivam pouco, mas nessa altura regávamos muito de noite. Era água corrente, estava sempre a correr. Era dividida: umas horas para mim, outras horas para o vizinho, outras horas para outro vizinho. Quando todos cá cultivavam, e era muita gente, andava toda a noite a água a correr. Regávamos juntos. Levávamos uma luz para andarmos a regar. Era muito trabalhoso. Depois do milho estar crescido, tínhamos que o sachar e arrancar-lhe as ervas e depois púnhamos-lhe o mato. O mato que íamos buscar aos pinhais para os animais é que se punha depois no renovo. No fim de estar criado, apanhávamo-lo e íamos secá-lo num soalheiro para depois ir moê-lo nos moinhos. Os moinhos também estavam divididos. A gente sabia os dias e as noites em que eram nossos e só íamos pôr o grão naqueles dias. Depois, a seguir a nós era doutro vizinho. Era assim, também estava dividido como a água. Cada um sabia o tempinho que tinha no moinho ou com a água e apresentava-se para regar, moer ou para fazer as suas coisinhas. Com aquela farinha cozíamos a broa ou dávamos aos animais, aos porcos, com a licença das senhoras. Era uma trabalhadeira! Era muito trabalho, muito trabalho mesmo!

Também se ia buscar pedra à serra de lá. Não na nossa encosta. Era ao cimo da outra terra a seguir à serra. No cimo dessa terra é que havia os materiais e as camionetas podiam lá "arriá-los". Depois é que os carregávamos para a aldeia. Era o nosso trabalho. Eu comecei logo assim de pequena. Nunca tive outro emprego. À noite, depois do trabalho no campo, estávamos juntos na cozinha a dizer qualquer coisa. Não havia televisão.

Hoje em dia, faço pouco. Tomo alguma coisinha ao pequeno-almoço e começo a tratar da minha vida de casa. E outra coisa já não vou fazer fora. Não posso e também a gente já cultiva pouco. Tenho o meu marido, a minha irmã, o meu filho, que me lá vão fazendo qualquer coisinha. Faço a minha vidinha de casa. Ainda faço



Fotografia 5: Arménio Grácio, Arminda Neves e Manuel Grácio no casamento do filho Carlos Grácio.

o queijinho e a broinha. Devagarinho ainda vou fazendo. Trato dos queijitos, da broinha quando é preciso. É assim.

Namoro “*Por cartas*”

Na minha altura, o namoro também não era muito à-vontade. O meu marido, que tenho hoje, graças a Deus, passou muito tempo na tropa. Só falávamos por cartas, porque ele esteve 30 meses na tropa, que foi o tempo de namoro, mais ou menos. Depois quando cá vinha, que tempo é que era? Aí um fim-de-semana, mais ou menos. Era pouco tempo.



Fotografia 6: Arminda Neves e Manuel Grácio.

Casamento “Ele teve que pedir ao meu pai e à minha mãe”

Assim que saiu da tropa casámos. Ele teve que pedir ao meu pai e à minha mãe. Depois foi quase sem se chegar ao pé um do outro. Cá havia pouca gente que fosse casar para fora. Quase que era tudo só da terra, os rapazes de cá casados com as raparigas de cá.

O meu casamento foi feito em casa da minha mãe. A minha sogra vivia nesta casa em frente à minha e ajudaram com o que puderam. Mas o casamento fez-se na minha casa. Era muita gente e depois os convidados comiam durante três ou quatro dias, enquanto lá houvesse. A comida do casamento era muitas carnes. Matavam



Fotografia 7: Arménio Grácio, filho de Arminda Neves.

muitos animais, muitas cabras, galinhas. Faziam muitos doces, muitas coisas. A minha mãe e as minhas tias é que fizeram o comer.

Não levei vestido. Naquele tempo não se usava vestido. Era um fatinho azul-escuro, um casaco e uma saia azul-escuro, uma blusa branca, um xaile de merino pelas costas e uma mantinha, um véu, na cabeça. Parecíamos umas viúvas! O meu marido levava um fato preto e uma camisa branca. Ainda estão guardados no guarda-fatos. E eu também ainda tenho o meu casaco.

Tive dois filhos. Chamei-os de Arménio Grácio e Carlos Grácio.



Fotografia 8: Carlos Grácio, filho de Arminda Neves.

Migração “As pessoas iam para Lisboa”

Depois do casamento o meu marido foi para Lisboa trabalhar na Docapesca, no peixe. A vida dele foi assim. Era ele a trabalhar em Lisboa e eu na agricultura na aldeia. Eu cá criei os meus filhos sozinha. A minha vida foi como a da minha mãe. Sempre sozinhas a cuidar da agricultura e a criar os filhos. Era uma vida triste. Sempre sozinha. Ele, às vezes, vinha para nos cavar as terras para semearmos os renovos e podermos cultivar durante todo o Verão. Há uns anitos que já voltou para a terra, mas agora nós estamos velhos, já se não pode nada.

As pessoas iam para Lisboa, porque não havia outros meios de a gente se governar. Iam para ver se ganhavam alguma coisinha para criarem os filhos. Aqui não se ganhava nada. Tinham que ir procurar outro meio. Lá no peixe trabalhava muita gente do Soito da Ruiva. O meu sogro e os meus tios, a malta da família do meu marido, trabalhavam no peixe. Trabalhava lá muita gente de Soito da Ruiva e na cortiça também, principalmente aqueles da idade do meu pai. As mulheres que por lá trabalhavam, que tinham emprego, eram estas senhoras que estavam já em Lisboa. Cá, praticamente, todas viviam só da agricultura, quem cá estava do meu tempo.

Hoje ainda há pessoas da aldeia a trabalhar fora. São os que lá estão e que lá têm a vida. Uns já estão reformados e outros ainda lá trabalham. Não sei em que empregos.

Costumes *Entre doces e mezinhas*

O carolo

Era costume da aldeia fazermos o carolo. A farinha fininha era para nós ou para os animais. Para o carolo tinha que ser assim uns bocadinhos mais grossos, um grão só partido. Era uma farinha mais grossa. Depois cozia-se numa panelinha. Em estando a panelinha da água a ferver, punha-se o carolo. Vinha aquela coisinha ao cimo e íamos tirando aquela casca por cima e cozia-se. Depois punha-se-lhe açúcar e comia-se bem. Primeiro, comia-se

muito, sobretudo quem tinha muita família.

“Cozíamos broa”

Também cozíamos broa. Íamos ao moinho moer a farinha. Depois quando se traz a farinha, peneira-se para uma gamela. Depois de peneirada, amassa-se com aguiha quente e com as mãos até ela estar finta, até ela estar lêveda. Leva fermento, sal, um bocadinho de açúcar, farinha de trigo e centeio. No fim de amassar, faço-lhe uma cruzinha, mas não lhe faço reza, não tenho hábito de dizer nada. Depois, em estando amassada, vamos pôr lume no forno. Estando o forno quente pomos a broa dentro. É preciso tendê-la e fica lá uma horinha. Em estando uma horita, já está cozida e tira-se.

“O queijo é de cabra”

O queijo é de cabra. Vai-se buscar o leite às cabrinhas. Depois, a gente lava as vasilhas e a panela e passa o leite por um paninho limpinho; põe um bocadinho de pó. Em estando coalhadinho na panela começa-se a tirar para o achincho para se fazer o queijo. Põe-se-lhe um bocadinho de sal, vira-se do outro lado, põe-se-lhe outro bocadinho de sal e vai-se pôr na queijeira. Aí é que ele demora tempo a curar. Todos os dias viram-se os queijos de manhã e à noite e vai-se lavando dia sim, dia não, que é para curarem. E assim vai indo até que ficam curadinhos. Quando vai o tempinho bom, demora menos tempo a curar. Mas quando vai o tempo de chuva ou de nevoeiro demora muito e dá mais trabalho.

“É assim que faço a tigelada aqui em minha casa”

A tigelada é um doce típico de Soito da Ruiva. É muito bom e é bom de fazer. Aqui em minha casa faço com leite, ovos e açúcar. Bato os ovos, junta-se a uma panela ou uma vasilha para se levar ao forno. Bate-se uma tigela de ovos e, depois, junta-se uma tigela de leite e o açúcar põe-se ao nosso gosto. Em estando aquilo tudo bem ba-

tido adoça-se a nosso gosto. É assim que faço a tigelada aqui em minha casa.

A debulha do milho

Para debulhar o milho as pessoas juntavam-se à noite, depois do jantar. Iam os vizinhos ou a família ajudar uns aos outros a fazer a debulha ou debulhar o milho, como se diz. Debulhava-se o milho e vinham para casa, cada um para as suas casas. Quando saíam as espigas vermelhas era uma risada, uma paródia. Riam-se, faziam assim aquelas risadas, faziam festas.

“Era um dia bem passado”

O dia da matança do porco era um dia bom. Logo pela manhã, a família vinha tomar o pequeno-almoço. Depois iam agarrar o animal. Matavam-no, queimavam-lhe o pêlo, preparavam-no e lavavam-no bem lavadinho. Depois, era pendurado num chamberil, diz a gente assim. Abriam-no e depois íamos lavar as tripas a um ribeiro. Depois almoçava-se. À noite desmanchava-se ou cortava-se a carne aos bocadinhos, conforme queriam, como o dono quisesse. Em se desmanchando, cortava-se a carne toda miúda e depois punha-se de molho com água, sal, azeite, alho e aqueles temperos. Ficavam as carninhas de molho nesse dia à noite. Era um dia bem passado. Um dia bom. No outro dia faziam-se os enchidos para pôr nos fumeiros em cima do lume. E ficavam no fumeiro umas três semanitas ou um mês, mais ou menos.

“A gente diz que é o estrutagado”

Antigamente não havia médico na aldeia. Ele tinha de vir de cavalo, porque não havia estrada até aqui. A que havia ainda só chegava aqui para cima. Quando nasceu o meu filho, veio cá o médico tirar-mo. Sei que o médico ainda caiu ali para cima, do cavalo a baixo, e aleijou-se. Era um problema muito grande. Tínhamos muita dificuldade com os médicos. Quando alguma pessoa estava doente

era um problema muito grande. A gente não tinha onde se pudesse socorrer.

Por isso, os nossos remédios eram à base de ervas. Às vezes, havia assim umas ervas, "olhe isto é bom para remédio", "olhe esta qualidade de erva também é boa para remédio". Então, fervia-se e bebia-se aqueles chás. Às vezes, fazíamos maus jeitos, que a gente diz que é o estrutagado. Para curar dizíamos uma reza. Tem que ser com um terço, com a cruzinha do terço, e tem que estar perto do paciente. Fazem-se as cruzes em cima de onde o paciente está ofendido, vá. E depois a gente diz para o paciente:

- "Que coso?"

E o paciente diz:

- "Carne quebrada ou nervo torto."

Depois dizem então:

- "Isso mesmo é que eu coso, com Deus Todo-Poderoso, se estes nervos são estrutagados ou estroncados ou rangidos ou estrugidos. Por as cinco chagas de Cristo eles hão-de ser unidos e pelas três pessoas da Santíssima Trindade que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo."

Depois dizemos então:

"Seja o vosso Senhor São Jordão que ponha estes tendõezinhos no são. Enquanto o padre se veste e se reveste e sobe ao altar estes tendõezinhos hão-de ir ao seu lugar."

Repito três vezes. Não sei mais nenhuma reza. Só sei para o estrutagado e já se aliviam as pessoas. Já não é nada mau.

“No Natal e na Páscoa”

No Natal e na Páscoa nós cá fazíamos como nos outros dias, ficávamos juntos em casa. Não fazíamos festa. O meu pai não vinha cá! Ganhava poucochinho e queria aproveitar e ganhar alguma coisinha para criar os filhos. Lá fora, houve uns anos, já lá vai longe, ainda faziam uma fogueira toda a noite na noite de Natal. Naquele largozinho juntavam-se uns madeiros e punham-lhe o lume e lá estavam toda a noite à volta, quem podia lá estar, os homens. Mas já há muitos anos que cá não fazem isso.



Fotografia 9: Mascarados no dia de Carnaval. Soito da Ruiva, 2006.



Fotografia 10: Arminda Neves e Manuel Grácio, no batizado da neta Rita Grácio.

Religião “*Sou católica*”

Sou católica e andei na catequese, em Pomares. Para aí é que custava a ir, pois era muito longe. Para o Sobral Magro fica a uma horita, mas para Pomares é muito longe. Eram três horas a pé! Também lá andei na cruzada três anos. Fiz a Primeira Comunhão. Depois, quando já era assim uma rapariguita, não segui mais.

Também costumava ir à missa. Quando podíamos íamos muita vez ao Sobral Magro. Vêm lá todos os domingos dizer missa e quando podíamos íamos lá. Agora também vou à missa, sempre que cá há. Vem o padre da nossa freguesia, mas só uma vez por mês. É pouquinho. Eu não posso ir assim às terras vizinhas. Mas quando há na minha terra aproveito sempre.

Lá em casa, pelo menos todo o Inverno, à noite, no fim do jantar, rezávamos o terço. A minha mãe rezava o terço e eu e os meus irmãos respondíamos. Nas noites grandes dava para rezar o terço e para se dormir.

Também temos uma procissão. Há poucos anos começaram a fazer, mas antigamente não se fazia procissão. Havia só a missa no dia do Santo e mais nada. Vinha o padre da nossa freguesia dizer a missa e depois comia-se e divertiam-se as pessoas novas uns com os outros, a



Fotografia 11: Arménio Grácio, Arminda Neves, Manuel Grácio, Fernanda Maria e Carlos Grácio no baptizado da neta Cristiana Grácio.

juventude. Mas depois não faziam outras coisas. Agora já é diferente! Vai-se à missa e depois sai a procissão. Faz-se o leilão das ofertas e há o almoço. Fazem-se mais umas brincadeiras no largo, uns jogos, uns divertimentos e um leilão. Às vezes, também fazem lá uns jogos dos cantaritos à cabeça.

Lugar “Onde me sinto bem”

Agora a aldeia está muito modificada, mas muito! Mais do que 100%! Quando eu me criei isto era uma coisinha muito, nem sei explicar, muito velhinha. Tudo muito velhinho e agora está tudo modificado, tudo renovado. Está tudo muito melhor, muito melhor! Tem muita diferença. A Comissão de Melhoramentos tem sido muito boa cá para a povoação. São boas pessoas. Boa gente. Tem feito muitos melhoramentos, muitas coisinhas boas cá para a terra. Não tínhamos saneamento e agora temos, graças a Deus. Não tínhamos água em casa, não tínhamos luz, não havia telefones, não havia nada. Antigamente quando queríamos telefonar tínhamos que ir a Pomares. Andávamos três horas a pé para a gente ir saber da família ou dar qualquer recado se fosse preciso. Era muito longe. Era um sacrifício muito grande. Agora temos tudo isso, graças a Deus. Já se vive melhor.

Não queria ir morar para Lisboa. Não deixava cá as minhas casas. Não tenho lá nada meu e aqui sempre tenho as minhas casinhas. A nossa aldeia é melhor que todas as outras. É onde tenho alguma coisinha minha. Onde me sinto bem é aqui. Temos cá boas águas, que é o que temos de melhor, e bons ares. Ares puros, saudáveis. É o que cá temos de melhor.

Avaliação

Achei bem fazer estas coisinhas. Uma ideia boa que é para a terra ter mais valor. É uma melhoria para a povoação. Isto foi bom, foi boa a ideia que teve a Comissão de fazer estas coisinhas. Foi sim, senhora.



Fotografia 12: Comemoração do 50º aniversário da Comissão de Melhoramentos. Soito da Ruiva, 17 de Outubro de 2003.